

(Transcrição da gravação)

Aquisgrana (Alemanha), 13 de novembro de 1998

Chiara na Catedral de Aquisgrana

(com tradução em alemão)

## O diálogo inter-religioso do Movimento dos Focolares (I parte)

Chiara: Excelências, senhoras, senhores, prezados amigos.

Devo discorrer sobre o diálogo inter-religioso na experiência do Movimento dos Focolares.

Espero que a minha exposição seja interessante para todos!

Desde os primórdios do Movimento foram numerosos os encontros com irmãos e irmãs de outros credos religiosos. Todavia, a primeira experiência forte que eu fiz foi há mais de 30 anos num desconhecido vale da República dos Camarões, na África. Estávamos em contato com os *Bangwas*, uma tribo bem alicerçada na religião tradicional e quase em extinção, devido ao alto índice de mortalidade infantil, a quem começamos a ajudar.

Um dia o chefe da tribo, o Fon, e todo o seu povo se reuniram para fazer uma festa numa clareira no meio da floresta, para que conhecêssemos as suas canções e danças. Pois bem, foi ali que tive a nítida sensação de que Deus, como um imenso sol, abraçava a todos, nós e eles, com o seu amor. Pela primeira vez na minha vida intuí que tínhamos alguma ligação com pessoas de tradição não-cristã.

De fato, dois anos mais tarde conhecemos pessoalmente uma grande personalidade budista, reverendo Nikkyo Niwano – é o seu nome –, fundador no Japão da florente associação leiga de 6 milhões de membros, chamada Risho Kosei-kay.

Nessa ocasião ele tinha me convidado a ir a Tóquio para contar a minha experiência espiritual e cristã a dez mil budistas, na Grande Aula Sagrada deles. Ali eu anunciei Jesus e a Trindade! E tudo foi acolhido como por quem tem sede de ouvir unicamente isso. O público era um terreno arado, tão bem preparado que a semente entrava em profundidade. E que impressão indescritível citar para aquelas pessoas, que não as conheciam, as palavras de Jesus: «Até os cabelos de vossa cabeça estão contados» (*Mt 10,30*); ou «Dai e vos será dado» (*Lc 6,38*); «Pedi e obtereis» (*Cf Mt 7,7*).

Elas não sabiam que eram tão amadas por Deus.

Fiz esta reflexão: «Aqui Jesus e a Igreja terão um futuro».

Porém, os encontros mais surpreendentes com o budismo tivemos há poucos anos, ao conhecermos importantes monges tailandeses que possuem na própria pátria e em outros países milhares de discípulos.

Durante uma prolongada permanência deles na Mariápolis permanente internacional de Loppiano, na Itália, onde os seus 800 habitantes procuram viver com fidelidade o Evangelho, eles ficaram profundamente tocados pela unidade entre todos e pelo amor cristão que não conheciam.

Esses monges e os seus acompanhantes, ao voltarem para a Tailândia, testemunharam o amor recíproco que viram entre os cristãos, e não perderam a chance de contar a milhares de fiéis e a centenas de monges a própria experiência com o Movimento dos Focolares e depois também com o papa João Paulo II.

A seguir, eu fui convidada a ir à Tailândia, a uma cidade do norte, chamada Chiang Mai, para contar a minha experiência espiritual em uma Universidade Budista a 800 estudantes, atentos, abertos, ricos de interioridade e puros de coração, para que fizessem dela objeto de aprofundamento.

Pediram que eu falasse também no Templo a monjas vestidas de branco, a monges em roupas alaranjadas e a muitos leigos e leigas budistas. Creio que foi a primeira vez que um cristão e ainda por

cima uma mulher falou num ambiente budista tão graduado. O interesse foi notável e parecia que na sala ninguém respirava.

«Vivo num mosteiro há 16 anos, estive até na Índia – afirmou uma monja de 82 anos –, todavia nunca ouvi coisas tão lindas!».

Nós nos sentimos edificados pela vida ascética, pelo desprendimento de tudo, que os caracteriza.

Esta é a nossa experiência com os budistas, uma parte.

E o diálogo com o Islã?

No início era ocasional e ligado a amizades pessoais que os focolarinos tinham nos países islâmicos. No entanto, esse diálogo nos apresenta hoje um panorama totalmente diferente. Já são 6.500 os amigos muçulmanos em contato com o Movimento e o que nos liga a eles é exatamente a nossa espiritualidade, na qual eles encontram incentivos e confirmações para uma mais profunda e vital adesão ao núcleo da espiritualidade islâmica e, para alguns, também à sua mística.

Este ano realizamos o terceiro Encontro Internacional dos Amigos Muçulmanos do Movimento dos Focolares. E o que caracterizou esses congressos foi em primeiro lugar a presença de Deus, que eu definiria «perceptível a todos», com uma evidência que conquista as almas. É esta presença de Deus que nos enche de esperança.

Esta esperança eu, pessoalmente, vi tornar-se realidade na Mesquita Malcolm Shabazz, de Harlem, nos Estados Unidos, quando há um ano e meio, diante de 3 mil muçulmanos afro-americanos, fui convidada a narrar a minha experiência. A acolhida que eu recebi, a começar por aquela do líder deles, Mohammed, foi tão calorosa, sincera e entusiasta que abriu o coração para os mais promissores sonhos futuros.

No âmbito das religiões originadas de Abraão, não posso deixar de citar os encontros agora mais freqüentes com as irmãs e os irmãos judeus em várias partes do mundo. O último se deu este ano em Buenos Aires, durante a minha viagem à América Latina, com uma numerosa comunidade deles. Foi com grande emoção que nos encontramos e fizemos entre nós um pacto de amor recíproco tão profundo e sincero que tivemos a impressão de superar de repente séculos de perseguições e de incompreensões.

Atualmente são cerca de 30 mil os membros de outras religiões que compartilham, sempre como lhes é possível, a espiritualidade e os objetivos do nosso Movimento.

E se agora nos perguntassem porque é que o diálogo inter-religioso do Movimento dos Focolares teve uma evolução tão rápida e fecunda, deveríamos responder que o elemento decisivo e característico é o amor, o amor derramado em nossos corações pelo Espírito Santo. Amor que encontra uma repercussão espontânea e imediata nas outras religiões e culturas, porque em todas está presente a «Regra de ouro» que para nós diz assim: «Assim como quereis que os homens vos façam, do mesmo modo lhes fazei vós» (Lc 6,31). Este conceito está presente em todas as religiões. Então, nós dizemos: «Vocês devem amar; nós também. Então, devemos amar-nos e tratar-nos como irmãos. Juntos podemos trabalhar pela fraternidade universal!»